

assinatura  
R\$ 60,00

# A DANNEIRA

(Reg. nº 1.447 no Cartório de Títulos e Documentos desta Comarca)

Diretora: Flora Mangueira \_\_\_\_\_ Secretária: Avany C. Santos  
Redatora: Nice de Araujo \_\_\_\_\_ Tesoureira: M. Cristina Machado

Ano III \_\_\_\_\_ E. S. C. D., 19 de março de 1960 \_\_\_\_\_ N: 29

“Um tijolo,  
um.

Dois tijolos,  
dois.

Três tijolos,  
três”.

Assim começa. Depressa cresce  
«o único abrigo certo da família pobre,  
no mundo largo».

Picaretas  
vão  
valetando o solo.

Seis tijolos,  
seis”.

O novo prédio, com suas salas de  
aulas, laboratórios, está quasi em total  
funcionamento.

As aulas, acompanhadas pelo som  
das serras, dos martelos, das lixas, pelo  
ritmado contar dos tijolos que sobem,  
produzem maravilhas.

«Ergue paredes à prumo; nivela soa-  
lhos e calçamentos de pedra; as esca-  
das sobem de suas mãos calosas; as  
salas se alinham em paradas geomé-  
tricas».

Sente-se que o trabalho aqui é uma  
realidade comum a todos.

“Os carrinhos rincham;  
os martelos pulam;  
os serrotes rilham;  
os suores pingam.

Mil tijolos,  
mil”.

Admirada, fico a olhar aquele cres-  
cer, um crescer de bravo. Molhado de  
chuva nas empreitas, tremendo com o  
frio de junho, desesperando-se com o  
calor de dezembro. Dinheiro?! Caira do  
céu.

Em um ano a paisagem transforma-  
se e um gigante toma lugar no deserto  
das construções.

Gigante

Gigante

Gigante

Pensa-se na inauguração. Merece  
festa, merece aplausos, merece agra-  
decimentos.

«As janelas se abrem cheias de pa-  
rentes alegres, para a festa da cumieira.

Vai-se vitoriar o João-de-Barro da fa-  
mília».

Enquanto isso, alguma coisa nos  
preocupa — a deficiência do corpo do-  
cente. Faltam professores. A razão? Os  
poucos vencimentos, que lhes são ofe-  
recidos. E' premente a necessidade de  
elevá-los. Felizmente, o movimento já  
esboçado neste sentido, chegará dentro  
em breve a um fim satisfatório.

«Sua estátua ficaria bem numa tôr-  
re de Babel».

O curso de Ciências Domésticas  
torna-se conhecido em todo o País e a  
afluência de alunas é grande. As tur-  
mas de seis ou oito, transformando-se  
em heterogêneos grupos de quarenta e  
mais. Com isso, o problema acomoda-  
ção torna-se angustiante e vemos o an-  
tigo prédio de aulas da ESCD, transfor-  
mado em alojamento. A precaridade  
das acomodações faz com que medidas  
sejam tomadas.

Já imagino:

“Grandes mãos  
de pás  
jogam terra  
fora.

Uma telha,  
uma.

Duas telhas,  
duas”.

Acompanhando as telhas fincam-se  
os paus. Um pau, dois, três. E' o Centro  
Social que se ergue. Olho e vejo: re-  
feitório, salas amplas, biblioteca, dire-  
tório...

«Meu irmão pedreiro é um plantador  
de lares e o dia inteiro trabalha para  
aumentar a cidade vaidosa do interior.  
Por isso ela lhes quis dar um teto nem  
que fôsse humildezinho».

LIGIERO.

# Não os abandonei

Não os abandonei, trouxe-os comigo.  
 Trouxe em meu olhar magoado.  
 Casas comendo casas,  
 Homens comendo homens.  
 Trouxe a miséria, os becos estreitos,  
 A lamparina que entoxica,  
 A sujeira, a fome, a ignorância.  
 Trouxe as brigas, as bebedeiras,  
 As misérias morais, a promiscuidade.  
 Crianças amontoadas, rasgadas, sujas, com fome,  
 Crianças de olhar baço,  
 Crianças sem carinho.  
 Trouxe comigo cada uma daquelas carinhas sujas,  
 Infelizes, incompreendidas, largadas.  
 Não, eu não as abandonei.  
 Trouxe comigo aquêlê garôto sujo, que gritando jogava bola de meia  
 Aquela menina loura como um anjo e dê olhar tão triste.  
 Aquelas janelas de pau,  
 Aquelas tinas,  
 O canto das mulheres que se matam na umidade e na miséria.  
 e ainda cantam,  
 O chôro dos recém-nascidos,  
 A aflição da mãe junto ao bêrço do filho morto de miséria  
 Não, eu não podia abandoná-los  
 Trago cada um, cada rôsto marcado,  
 cada barracão, cada criança que chora com fome,  
 cada recém-nascido que morre de frio.  
 Todos êles em minha lembrança, no meu amor.  
 Um dia estarei lá, ao lado dêles  
 E nêste dia então, me sentirei mais perto de Deus.

ENIC.

## MÔÇAS

As môças são a imagem preciosa da nossa mãe quando tinha nossa idade. Baixas ou altas, louras ou morenas, elas são puras, inocentes e sãs. Deus mesmo deve sorrir ao vê-las passar.

Sòmente mais tarde, quando fores mais maduro, descobrirás dentre elas tua mulher de amanhã.

Por enquanto, considera-as simplesmente como leais companheiras. Uma educação falsa nos tem freqüentemente ensinado a não ver na mulher senão uma oportunidade para o pecado, em vez de nela apresentar uma fonte de aprimoramento.

Seja como irmãs, primas, amigas, camaradas ou chefes, as môças são nossas companheiras na vida, porquanto, em nosso mundo cristão, vivemos lado a lado, em pé de igualdades.

Não há dúvida que a camaradagem entre rapazes e môças é coisa infinitamente delicada, que é preciso levar com prudência, comportando-se cada um conforme seu temperamento e sua capacidade.

Mas é deixar de ganhar na certa o fato de negligenciar êsse dom de Deus que são as môças de verdade.

Elas têm a virtude da pureza cuja irradiação nos é salutar, a nós que sem parar devemos lu-

tar para conservar essa mesma pureza.

Quando elas sabem manter-se em seu lugar — e é delas unicamente que depende, em sua presença, a atitude dos rapazes — podem ter uma influência profunda.

Basta ver, numa praia ou na piscina, a rapaziada procurando fascinar as môças. Um olhar admirativo, um sorriso, basta para dar num rapaz a chicotada do amor-próprio que o fará, apesar do medo, saltar do alto do trampolim.

Por que é que, em plano diferente, êsse mesmo olhar e êsse mesmo sorriso não dão a êsse mesmo jovem mais luz e coragem na vida?

A canção de uma água-viva afasta para longe do lodacal. A presença das môças evita grosserias e estupidez. Algumas dentre elas, encontradas em momentos difíceis, purificam-nos literalmente a alma.

Nós não passamos de latagões sem jeito e pachorrentos. As môças nos forçam à polidez e à cortesia. Sua graça nos desoprime e restabelece o equilíbrio.

Nós somos demasiados cerebrais. As môças, com seu coração, compreendem logo de saída o que dissecamos penosamente com o nosso raciocínio. Sua presença é uma pacificação. Eles são um sorriso e uma doçura em nossa arena de combates.

Meu Deus, fazei que nossas irmãs, as môças sejam harmoniosas de corpo, sorridentes, e que se vistam com gôsto.

Fazei que elas sejam sãs e transparentes de alma. Que sejam a pureza e a graça de nossas vidas rudes.

Que sejam conosco simples, maternos, sem rodeios nem afeição.

Fazei que o mal não se insinue entre nós. E que, rapazes e môças, sejam uns para os outros uma fonte, não de pecados, mas de enriquecimento moral.

Transcrição — Estrela de Alto Mar de Guy de Laurigaudie.

Leia e assiné  
 « A PAINEIRA »

## O QUE MUITOS PENSAM

1960 chegou naquela  
anunciam promissores.

muita gente botada  
te saindo da obscuridade pa

andam dizendo muito  
voltou em altos programas e

assim, calouras demons  
ficando na fina flôr ( em

dídio tem estado posi  
na pauta da observância com

será que nossos cole  
a bossa dos chapêuzinhos das

um plantel bastante  
mesmo na velha base do yull

até o pissirico anda  
uma calourinha. não sei se

nosso plantél de calouras

1ª dama do agro e a  
bastante pitorescas.

andam sussurros em  
jornal realmente universi

amores novos, amores

alunos novos, alunos

apresentou já já

A  
S

N

I

N

G

U

É

M

D

I

Z

base, e já os lançamentos se

para escanteio, mas muita gen-  
ra a órbita.

em lusco-fusco que o gomide  
já está bem por dentro.

tram capacidade e veteranas vão  
chinelos-beliches).

tivo com a ratinha, estão mesmo  
voltinhas na praça e tudo...

gas da ESA não atingiram mesmo  
calouras?

afinado os calouros da ESA,  
brynnner.

dando seus vôos em boa mescla com  
digo, mas pelos moldes momentâneos,

não é tão refugado assim...

princesa do DAAB foram aquisições

black-out por aí de que há um  
tário na UREMG. estamos curiosas.

velhos, mas sempre amôres...

velhos e tudo no mesmo diapasão.

### JOVEM GUARDA EM BOSSA NOVA

Na pauta do preciso, voltamos  
decididas a adotar a Bossa nova  
e foi em um autêntico vôo de  
pássaro, que comparecemos ao  
C.A.S., quando da apresentação  
das calouras.

As alunas externas continuam  
botando para escanteio nossas  
festas. Até quando isto durará?

As calouras estiveram na ór-  
bita, algumas devidamente acom-  
panhadas na pauta do preciso e  
os trotes aconteceram como era  
de se esperar.

Naquêl diapasão que se re-  
quer, o ponche transcorreu com  
bolachinhas.

Parece-nos que os rapazes vol-  
taram das férias mais famintos.  
Que o digam as bolachas que

estavam na cozinha.

Muito em vista, que deu à  
nossa noitada brilho fosforescente,  
foi a presença de algumas pro-  
fessôras, da nossa Diretora e  
também o adentro do nosso Ca-  
pelão.

Enfim, na tangente do conve-  
niente, a pedida foi boa, com  
muita alegria e agora: stop bam-  
binos.

## BOAS VINDAS, CALOUROS!

*E' a expressão mais usada nesta fase do ano.*

*Como veteranos, temos uma enorme parcela de responsabilidade quando damos as "Boas vindas" aos novos.*

*Sua inexperiência deve encontrar em nossa experiência um professor amigo. Sua natural e não rara incompreensão para com o trote, deve ser transformada por nós em, compreensão mútua.*

*Colegas veteranos, que as nossas "Boas vindas" sejam o reflexo de um profundo desejo de que os nossos colegas encontrem aqui um ambiente tal, que eles sintam realmente felizes. Que, conosco, formem um grupo único.*

## MEU HUMOR?

**Ora Essa!!!**

— Aquê! homem que vai passando... Está sorrindo.... — Idiota!

— Olha aqui, meu amigo, (qual amigo, qual nada!). Nunca o vi, sabe? Nem mais magro, nem mais gordo! Nunca! E quer mais?! Nem quero vê-lo! Jamais!

Boa essa! Lá vai ele, garboso, como se o céu lhe pertencesse, sorrindo para tudo, para a vida: esta coisa massante que carrego como um fardo....

Foi-se. Sumiu. E deixou comigo, na retina, a imagem do seu sorriso ridículo, meloso, tão... tão...

Ah! se eu pudesse falar-lhe, dizer-lhe quanta coisa tôla está mostrando com seu sorriso intolerável! Mas não posso, infelizmente. Sim, infelizmente....

Por que será assim a vida? Não acho graça em nada!

Nada! Nada!! Se tento sorrir, faço caretas...

— Olha aqui meu amigo — isto é: eu mesmo — que tem você com êste homem? Que tem com seu sorriso?

— Nada! Ora...

— Você não vai vê-lo mais, vai?

— Nunca mais, nem o seu sorriso.

— Então, sossegue!

— Não. Mas não aguento o sorriso daquê! "cara"! Não tolero! Que tinha êle que rir para mim! Imagine só: para mim! Para meu govêrno que isso é demais! Demais! E logo hoje! Até essa "bendita" bruma resolveu "engraçar-se" agora! E põe tudo branco, branco... bran... n.. n.. co! Branco como o... sorriso daquê! homem!!! E' demais! Não posso!

Todo mundo hoje resolveu me pegar para "Cristo".

Aquela árvore ali... Deve ter uma trezentas folhas. Trezentas... Puxa! Será que ela não podia ter um pouquinho menos? Para que tanto? Outras estão nuas. Por que não deixou um pouco para elas?

— Egoista, hein?

— Não, é implicância.

Espere! Trezentas folhas!.. Mas... mas... Não pode ser... Trezentos... sor-ri-sos! O' não! Não e não! Vejam!... Estão sorrindo. Rindo, sim. Zombando de mim.

— Oh! nã... ã... ão, não aguento pensar naquê! sorriso i-di-o-ta!....

— Ora essa..... ("DAU")

MEU HUMOR?

MEU HUMOR?

MEU HUMOR?

MEU HUMOR?

MEU HUMOR?

MEU HUMOR?

## COISAS DA VIDA

Tinha o hábito de ir sempre à estação. Talvez por mera curiosidade. Talvez ainda, na expectativa de um acontecimento novo.

Ninguém se incomodava por ser um costume típico de cidades pequenas, onde as distrações são tão escassas e monótonas.

Era noite, mas noite escura e sem estrêlas. E lá estava o rapaz, encostado à parede, numa atitude displicente. Não se podia ver-lhe as feições e o traje, tal a escuridão que tudo envolvia. Notava-se que era alto e um pouco magro.

Fumava sempre. A braza acêsa do cigarro que flutuava acompanhando obediente os movimentos das mãos era bem perceptível.

Tudo era silêncio. Um silêncio nervoso para quem espera.

De repente acendeu-se a pequenina lâmpada que mal iluminava aquela área restrita.

O agente levantou-se da cadeira onde dormia antes e tocou três vêzes um sino velho, localizado no centro da estação. Isto significava que o trem partira da cidade mais próxima.

Agora, sua atitude modifica-se. Parece inquieto, um tanto nervoso.

Suas feições são simpáticas e há um brilho diferente em seus olhos.

Amassa o cigarro e atira-o fora. Com as mãos nos bolsos, anda de um lado para outro, para matar o tempo.

Ouve-se um apito. Mais um. O trem aproxima-se.

Ei-la tão linda com uma blusa azul e um lenço estampado envolvendo-lhe delicadamente o pescoço. Vê-la, falar-lhe é uma necessidade. O tempo é curto. Para êle não importa.

Alguém interrompe seus passos e estende-lhe a mão suplicante: uma esmola, pelo amor de Deus.

Procura rapidamente uma esmola e entrega-a ao mendigo.

Nêste instante, o trem parte. Ele pode distinguir na semipenumbra uma delicada mãozinha, que lhe acena.

São coisas da vida.